

A Perceção das Testemunhas de Bullying Acerca Deste Fenómeno Durante a Pandemia do Covid19: um estudo em Portugal e Espanha

Witnesses' perceptions of bullying during the Covid19 pandemic: a study in Portugal and Spain

Cátia Vaz

CI-ISCE, Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, Portugal
Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
catia.vaz@iscedouro.pt, catia.vaz@ipb.pt | ORCID 0000-0001-5771-7510

Fernando Gil Villa

Universidade de Salamanca, Espanha
gilvi@usal.es | ORCID 0000-0001-6410-2258

José David Urchaga Litago

Universidade de Salamanca, Espanha
jdurchagali@upsa.es

Vitor Gonçalves

Centro de Investigação em Educação Básica (CIEB), Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
vg@ipb.pt | ORCID 0000-0002-0645-6776

Resumo

Como atores intervenientes no fenómeno do bullying, as testemunhas, embora menos estudadas, têm um papel importante na dinâmica desta problemática que se espera positivo, tanto ao longo do seu desenrolar como na sua finalização. Este estudo transversal, de carácter quantitativo e qualitativo tem como objetivo a percepção das testemunhas de bullying acerca deste fenómeno durante a pandemia Covid19. Realizou-se com uma amostra composta por 376 alunos de escolas públicas em Portugal e Espanha (de duas cidades próximas da fronteira Portugal-Espanha), 253 de Portugal e 123 de Espanha, respetivamente, e de ambos os géneros. A idade variou entre os 10 e os 16 anos. Além da pesquisa bibliográfica, a metodologia utilizada baseou-se no inquérito por questionário específico de bullying utilizado na investigação de Gonçalves e Vaz (2020), disponibilizado no Google Forms em Portugal, imprimido e enviado para aplicação em papel em Espanha. Os resultados mostram que durante a pandemia do Covid19, tanto em Portugal como em Espanha os inquiridos viveram, direta ou indiretamente, alguma situação de bullying escolar. Embora a maioria, não tenha vivenciado situações de bullying, nem como vítima, nem como agressor, nem como testemunha, verificou-se, no entanto,

que aqueles que as vivenciaram como testemunhas foram em maior número do que como vítimas ou agressores.

Palavras-chave: Bullying; Pandemia Covid19; Testemunhas Bullying.

Abstract

As stakeholders in the phenomenon of bullying, the witnesses, although less studied, play an important role in the dynamics of this issue, which is expected to be positive, both during and after its development. This cross-sectional, quantitative and qualitative study aims to assess the perceptions of bullying witnesses about this phenomenon during the Covid19 pandemic. It was carried out with a sample composed of 376 students from public schools in Portugal and Spain (from two cities near the Portugal-Spain border), 253 from Portugal and 123 from Spain, respectively, and of both genders. The age ranged from 10 to 16 years. In addition to literature research, the methodology used was based on the bullying-specific questionnaire survey used in the research of Gonçalves and Vaz (2020) made available on Google Forms in Portugal, printed and sent for paper application in Spain. The results show that during the Covid19 pandemic, both in Portugal and Spain the respondents experienced, directly or indirectly, some situation of school bullying. Although the majority did not experience bullying situations, either as victims, aggressors, or witnesses, it was found, however, that those who experienced them as witnesses were in greater numbers than as victims or aggressors.

Keywords: bullying, cyberbullying, prevention, harms of the Internet.

Introdução

Hoje, em todo o mundo, verifica-se que a agressão no espaço escolar entre pares é um problema bastante significativo que ganha cada vez mais e maiores dimensões sendo denominada de bullying escolar. Como problema mundial que é, o bullying pode ocorrer em toda e qualquer escola, não se restringindo a nenhuma específica e, nem mesmo, a nenhum nível em particular. A escola é, pois, um dos contextos em que, nos dias de hoje, onde o bullying mais se faz sentir, uma vez que é um espaço onde se reúnem muitas crianças.

É uma problemática não de hoje, mas de sempre, com a única diferença que antigamente se acreditava (quase sempre erradamente) que este fenómeno não

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

passava apenas de meras brincadeiras entre alunos nas escolas e, nos últimos anos, tem ganho cada vez mais e maiores proporções.

Após consulta do Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English (2000), verificou-se que um bully, palavra que está na origem da formação do termo bullying, é «uma pessoa que utiliza a sua força ou poder para amedrontar ou magoar aqueles que são mais fracos» (p.149). Consultando o APA Dictionary of Psychology (Vandebos, 2007, p.139) o conceito de bullying adquire o significado de ser um «comportamento ameaçador e agressivo persistente direcionado às pessoas, especialmente aqueles que são menores ou mais fracos».

Até ao momento, não existe uma palavra exata em português que traduza literalmente o sentido original dos termos bullying e cyberbullying, no entanto não é, por isso, que estes deixam de ser graves e de grande relevo no mundo em geral e, especificamente, em Portugal.

Por conseguinte, clarificar os conceitos de bullying e cyberbullying foi um dos objetivos primeiros deste artigo. Para além dos tipos de bullying (físico, verbal, sexual e psicológico), podemos incluir, nestas duas últimas décadas, o cyberbullying, uma vez que a Internet está recheada de condutas e conteúdos ilícitos, nocivos e, muitos deles, completamente falsos. O envio de mensagens de correio eletrónico e as redes sociais favoreceram a proliferação deste tipo de conteúdos inadequados. Estudar o fenómeno do bullying, incluindo a tipologia do cyberbullying, foi, pois, crucial face à sua relevância e complexidade na sociedade atual, pelo que se considerou importante apresentar também algumas medidas e incentivos, projetos e iniciativas, e outros contributos para a sensibilização e educação para a minimização deste problema social. De seguida, apresentaremos também a metodologia que pautou este trabalho, ou seja, uma revisão sistemática da literatura de artigos científicos, dissertações e teses armazenadas nas principais bases bibliométricas (nomeadamente Web of Science e Scopus), que se resumiu nas seguintes etapas: (i) formulação da questão; (ii) localização dos estudos nas bases bibliométricas; (iii) avaliação e seleção dos estudos, (iv) análise e síntese; e (v) relato sobre os resultados. Assim, esperamos que este estudo possa responder de forma clara à

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

questão de investigação: “Que medidas relevantes têm vindo a ser utilizadas nos últimos anos para reduzir a prática do bullying e do cyberbullying?”. Desde já podemos afirmar que os resultados sugerem a carência de formação específica para as comunidades educativas (alunos, professores e encarregados de educação) que forneçam estratégias de interação e de utilização responsável da Internet. Estes apontam ainda para a necessidade do controlo da família no uso das redes sociais pelas crianças e adolescentes.

Refira-se ainda que, apesar da revisão da literatura incidir nos últimos 20 anos, preocupar-nos-emos em responder à questão de investigação com as medidas e projetos mais relevantes e recentes, não descurando obviamente a importância de outras iniciativas de menor escala.

Bullying na península ibérica e os seus principais intervenientes

O bullying é um desafio das escolas do século XXI, sendo um fenómeno de escala mundial que afeta crianças e jovens de todas as classes sociais. É um fenómeno multidimensional, complexo e no qual intervêm vários atores, sendo os principais, os agressores e as vítimas (Seixas, 2005), é sustentado ao longo do tempo por um ou mais alunos sobre outros que são vistos como vulneráveis e que em princípio têm dificuldades para se defender (Gil Villa, 2020).

O fenómeno do bullying é pesquisado com muita frequência, esta pesquisa tem início em 1978 com Dan Olweus na Noruega, mas alcança maior visibilidade quando em 1983 o mesmo autor cria o questionário denominado “Olweus Bully/Victim Questionnaire”, o instrumento mais difundido no que ao bullying diz respeito (Olweus 1993) e realiza um estudo com 130 000 estudantes com objetivo de verificar a incidência de participação em casos de bullying e onde os resultados indicaram que 15% dos participantes estavam envolvidos em casos de bullying, destes 9% eram vítimas e 7% agressores.

Em Portugal, a Ordem dos Psicólogos Portugueses lançou um documento com informação sobre bullying, aquando do Dia Mundial de Combate a este

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

fenômeno. No ano letivo 2020/2021, marcado pela pandemia, as situações de bullying em contexto escolar aumentaram 37%, mais 783 casos. Em 1999, Almeida realizou um estudo com 6 200 estudantes na cidade de Braga e verificou que 20% dos alunos eram agressores e 15% vítimas de bullying. Já em 2002, Pereira havia realizado um estudo na mesma cidade e na cidade de Guimarães com 3341 estudantes concluindo que 21,6% dos participantes eram vítimas e 15,4% eram agressores.

No que respeita a Espanha, Díaz Aguado; Martínez-Arias & Martín Babarro (2013) analisam diferentes estudos e concluem que os rapazes e as raparigas utilizam a violência da mesma forma; a diferença é que a violência dos rapazes tende a ser violenta (física e verbal), enquanto a das raparigas é mais indireta ou relacional (psicológica). De acordo com Ballesteros et al. (2016), dos 590 casos tratados pela Fundação ANAR, 444 foram por bullying e 146 por cyberbullying. Na revisão realizada por Gómez e Navarro (2017), as crianças que têm algum tipo de dificuldade na escola têm maiores dificuldades em serem aceites, sentindo-se sozinhas, infelizes, com dificuldades relacionais, o que implica um risco que pode levar ao bullying na escola. Neste sentido, Cantera-Espinosa, Vázquez-Martínez e Pérez-Tarrés (2021), enfatiza a necessidade do desenvolvimento de programas que estabeleçam bons comportamentos de tratamento através da aquisição de atitudes empáticas e pró-sociais.

Os agressores, assim como as vítimas, podem ser individuais ou em grupo, embora no segundo caso tendam a concentrar-se mais (Gil Villa, 2018).

No dualismo relacional de vítima e agressor surge uma terceira personagem, as chamadas testemunhas/observadores que perante as vítimas podem vir a tornar-se num eixo de apoio ou de indiferença. As testemunhas ou observadores são sujeitos que também são afetados pela agressividade.

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

Em 1998, Olweus referiu que os observadores são geralmente alunos mais inseguros, dependentes, influenciáveis socialmente e não possuem um estatuto entre os colegas.

Outros autores, como Amado & Freire (2002), referem que os observadores/testemunhas perante os episódios de agressão presenciados e nos quais revelam impotência para intervir mantêm inicialmente uma atitude impávida e condescendente que, futuramente, se refletirá no seu desenvolvimento social e moral, valores como a solidariedade e cooperação serão praticamente extintos ou pouco evidentes nestas crianças. Acrescentam ainda que não se pode proceder a uma generalização, pois existem observadores que, pela sua sensibilidade, apresentam sintomas de sofrimento e incompreensão acerca deste fenómeno.

A passividade das testemunhas funciona com uma forma defensiva para evitarem serem eles os próximos alvos de agressão «enquanto o fizerem a outro não o fazem a mim». Normalmente receiam ser as próximas vítimas (Lago, Massa & Piedra, 2006).

Tendo em consideração as características reveladas pelos observadores, Martínez (2006) considera três tipos de observadores: o indiferente (não se envolve nem mostra qualquer reação perante as ocorrências, desde que não lhe sejam dirigidas); o observador culpabilizado (sente medo do agressor, não se atrevendo a agir por poder ser o próximo a ser agredido, mas sente-se culpado por não atuar, pois reconhece a injustiça do que observa) e o amoral (justifica os comportamentos agressivos como inevitáveis, normais e lógicos, baseando-se na lei do mais forte e da cobardia da vítima, considerando que nada pode alterar a situação).

Também Silva (2010) divide os observadores em três grupos distintos: os observadores passivos que assumem esta postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima, recebem ameaças explícitas ou veladas, não concordam e até repelem as atitudes dos bullies, no entanto, ficam sem poder fazer nada para tomar qualquer atitude em defesa da vítima. Nesta linha de análise Camargo (2009)

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

e Fernandes & Seixas (2012) reforçam que os observadores que não participam de forma direta nas agressões, mas que participam indiretamente enquanto audiência, normalmente desempenham papéis passivos, que podem ser encorajados para a continuidade do bullying e quando se manifestam em defesa da vítima é, maioritariamente por uma questão de amizade; os observadores ativos, onde estão incluídos os alunos que, apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam «apoio moral» aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, mas isso não significa, em absoluto, que deixam de se divertir com o que veem. É importante ressaltar que misturados aos observadores podem-se encontrar os verdadeiros articuladores dos ataques, perfeitamente «camuflados»; por último, os observadores neutros, que não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam, são acometidos por uma «anestesia emocional», em função do próprio contexto social no qual estão inseridos.

Segundo Fekkes et al. (2005), existem quatro atitudes do observador perante uma agressão que o classificam da seguinte forma: auxiliares (participam da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o agressor), observadores (só observam ou afastam-se) e os defensores (protegem a vítima ou chamam alguém para interromper a agressão).

Escury & Dudink (2010) corroboram a classificação anterior ao definirem os observadores, como: os que não agem, mas sentem que deviam fazê-lo, os que intervêm no sentido da defesa da vítima e os que se juntam ao agressor.

Os estudantes que observaram comportamentos de bullying na escola têm maior propensão do que os estudantes não envolvidos em episódios de bullying em reportar maior desamparo e, potencialmente, maior ideação suicida, ou seja, o desamparo percebido está significativamente associado com a potencial ideação suicida nos observadores (Rivers & Noret, 2013).

Metodologia

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

Trata-se de um estudo transversal, uma vez que os dados foram recolhidos e analisados num tempo definido, de carácter quantitativo e qualitativo. A amostra foi composta por 376 alunos de escolas públicas em Portugal e Espanha (de duas cidades semelhantes próximas da fronteira Portugal-Espanha), 253 de Portugal e 123 de Espanha, de ambos os géneros. A idade variou entre os 10 e os 16 anos (Tabela 1).

Tabela 1: Amostra por Idade/País

		Idade/País		Total
		País		
		Portugal	Espanha	
Idade	9	9	0	9
	10	116	0	116
	11	101	3	104
	12	25	39	64
	13	0	55	55
	14	1	19	20
	15	1	6	7
	16	0	1	1
Total		253	123	376

Nota: elaboração própria

Em termos de género, 45,5% (171) eram raparigas, 52,4% (197) rapazes e 2,1% (8) não responderam à pergunta, sendo estas percentagens semelhantes nos dois países.

A amostra de Portugal pertenceu ao 2º Ciclo do Ensino Básico (5º e 6º anos) e a de Espanha aos chamados dois primeiros anos do ensino secundário (1º e 2º anos).

A recolha de dados foi realizada através do inquérito por questionário específico de bullying utilizado na investigação de Gonçalves e Vaz (2020) e disponibilizado no Google Forms em Portugal, imprimido e enviado para aplicação em papel em Espanha.

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

Composto por 24 perguntas abertas e fechadas, das quais, para o presente estudo, foram apenas selecionadas as que poderiam dar resposta ao objetivo do mesmo: a percepção das testemunhas de bullying acerca deste fenómeno durante a pandemia Covid19. Neste sentido, para além das perguntas acerca dos dados demográficos da população interveniente, destacaram-se as seguintes: P1: Durante a pandemia vivenciaste alguma situação de bullying, direta ou indiretamente? (sim/não); P2: Como vivenciaste essas situações? (pode assinalar várias respostas, pois é de escolha múltipla: vítima, agressor, testemunha, e nem pensar); P3: Foste testemunha de alguma situação de bullying? (escolha múltipla: física, sexual, verbal, cyberbullying); P4: Como reagiste? (escolha múltipla: ignorei, tentei ajudar a vítima, denunciei, reforcei os atos dos agressores; fugi; enfrentei os agressores; P5: Acreditas que durante a pandemia houve... (assinala apenas uma resposta: mais bullying, mais cyberbullying); P6: Acreditas que no bullying escolar: há menos casos do que o que parece, há mais casos do que o que parece, não sei dizer; P7: As perguntas do questionário ministrado foram consideradas essenciais para avaliar o que se pretendia e para a sua aplicação foram seguidas as diretrizes éticas, estabelecidas na Declaração de Helsínquia (revisão de 2013), que asseguram o anonimato e as diretrizes para a recolha de dados com menores (informação e autorização prévia dos seus responsáveis). No início de cada questionário alerta-se para a importância da colaboração e a necessidade da sinceridade nas respostas ao mesmo tempo que se informa que os dados recolhidos serão utilizados apenas para os fins a que se destinam.

Para a aplicação dos questionários foi necessário enviar mensagem de correio eletrónico à Direção das escolas envolvidas no estudo, solicitando permissão para a aplicação assim como a colaboração para divulgação dos mesmos junto dos alunos da amostra a considerar.

A recolha de dados teve lugar em maio de 2022, após autorização dos encarregados de educação dos agrupamentos de escolas envolvidos. Os dados recolhidos foram analisados, descritos e discutidos.

Na análise da pergunta aberta (análise qualitativa), a perspectiva valorizada foi a grounded theory de Strauss & Corbin (2015), que de acordo com os seus autores “é uma perspectiva de investigação qualitativa cujas técnicas e processos sistemáticos de análise permitem ao investigador desenvolver uma teoria substantiva que respeita critérios para fazer “boa” ciência (...) (p.31) e tem três passos fundamentais: código aberto (identificação de categorias iniciais); código axial (reunião de categorias emergentes) e por último, construções de proposições a relacionar as categorias hierárquicas.

Resultados

De acordo com os resultados obtidos, podemos começar por afirmar que apesar da pandemia Covid19, e durante o período da mesma, tanto em Portugal como em Espanha, os estudantes inquiridos asseguram ter vivido, direta ou indiretamente alguma situação de bullying escolar (Portugal: 15%; Espanha: 16%, ver tabela 2).

Tabela 2: Durante a pandemia Covid19, vivenciaste alguma situação de bullying escolar direta ou indiretamente?

Durante a pandemia Covid19, vivenciaste alguma situação de <i>bullying</i> escolar direta ou indiretamente?	Portugal % (nº)	Espanha % (nº)
Sim	15 (56)	16,1 (60)

Nota: elaboração própria

Quando se lhes pergunta como vivenciaram essas situações (como vítima, como agressor ou como testemunha), embora a maioria refira que não vivenciou de nenhuma forma (Portugal 81,8%, Espanha 73,3%), os dados mostram que em Portugal o número daqueles que atuaram como testemunhas (13,4%) é mais significativo do que o de vítimas (9,1%) e o de agressores (1,6%), o mesmo se verificou em Espanha, onde os dados não variam muito, verificando-se que 15,5% atuaram como testemunhas; 12,1% como vítimas e 0,9% como agressores (tabela 3).

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

Tabela 3: Durante a pandemia Covid19, e no que respeita ao bullying escolar, como vivenciaste essas situações?

Durante a pandemia Covid19, e no que respeita ao <i>bullying</i> escolar, como vivenciaste essas situações:	Portugal (%)	Espanha (%)
Vítima	9,1	12,1
Agressor	1,6	0,9
Testemunha	13,4	15,5
Nenhum	81,8	73,3

Nota: elaboração própria

Ao ser pedido que deixassem de falar neles, para falarem dos outros, deu-se ênfase ao papel das testemunhas, para tal, questionou-se os inquiridos sobre quais as situações de bullying que testemunharam durante a pandemia de Covid-19. De acordo com os dados obtidos foi possível apurar que os episódios ocorridos em ambos os países contemplaram os diversos tipos de bullying físico (Portugal 13%, Espanha 20,2%), psicológico (Portugal 9,9%, Espanha 10,3%), verbal (Portugal 6,7%, Espanha 13,8%), cyberbullying (Portugal 5,9%, Espanha 3,2%) e sexual (Portugal e Espanha 0,8%).

Segundo os resultados, quando testemunhas de algum tipo de bullying, a percentagem dos inquiridos que referiram ter ignorado foi muito idêntica em Portugal e Espanha (21% e 22,5%) respetivamente; tentaram ajudar a vítima: em Portugal 77,1%, em Espanha 79,6%; 51% em Portugal e 7,7% em Espanha denunciaram; 10,1% em Portugal e 4,8% em Espanha reforçou os atos dos agressores; 7,7% em Portugal e 33,3% em Espanha fugiu e por último, 36,3% em Portugal e 41,3% em Espanha, enfrentou os agressores (tabela 4).

Tabela 4: Como reagiste?

Como reagiste?	Portugal (%)	Espanha (%)
Ignorei	21,0	22,5
Tentei ajudar a vitima	77,1	79,6
Denunciei	51,0	7,7
Reforcei os atos dos agressores	10,1	4,8
Fugi	7,7	33,3
Enfrentei os agressores	36,3	41,3

Nota: elaboração própria

Verificou-se ainda que os inquiridos acreditam que em Portugal durante a pandemia houve mais casos de cyberbullying do que de bullying. O mesmo se verificou em Espanha. Obviamente que essa percepção tem a ver com a pandemia e respetivo confinamento vivenciado.

Quando questionados, se acreditam que no bullying escolar há mais casos do que o que parece, em Portugal 57,1% e em Espanha 54,2% acreditam que sim; 5% em Portugal e 4,3% em Espanha, acreditam que há menos casos do que o que parece e 37,8% em Portugal e 41,5% em Espanha, não sabem dizer (tabela 5).

Tabela 5: Acreditas que no bullying há menos casos do que o que parece?

Acreditas que no <i>bullying</i> ...	Portugal (%)	Espanha (%)
Há menos do que parece	5	4,3
Há mais do que parece	57,1	54,2
Não sei dizer	37,8	41,5

Nota: elaboração própria

Na pergunta aberta: Que farias para solucionar o problema do bullying escolar? A metodologia utilizada para análise, tal como referido anteriormente, foi a qualitativa, o que significa que são as palavras e não os números que constituem o material a analisar. Escolhida a resposta como unidade de análise, perante os dados recolhidos optou-se por organizar as respostas para posteriormente se passar à codificação aberta, um dos momentos da operacionalização da análise segundo a grounded theory (Struss e Corbin, 1994), ou seja, a identificação de categorias emergentes, a mais exhaustiva e ampla possível. Posteriormente procedeu-se à reunião destas categorias conforme Quadro 1.

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

Quadro 1: Que férias para solucionar o problema bullying?

Respostas: Portugal/Espanha	Categorias Emergentes	Reunião de categorias
<ul style="list-style-type: none"> - Denunciar logo as situações e mais vigilância nos recreios; denunciar o agressor; denunciaria ou tentaria ajudar a vítima; denunciava aos seus pais e depois os pais conseguiam calá-lo ou pelo menos parar de agredir as pessoas; dizer aos professores, diretores, auxiliares, encarregados de educação; eu iria contar a alguém que pudesse ajudar - Ajudar as pessoas que estão a sofrer <i>bullying</i>; ajudaria todas as vítimas contactando os pais; protegia as vítimas; ajudaria, mas não me meti-a em problemas - Realizaria uma a atividade sobre o <i>bullying</i>; realizaria campanhas contra o <i>bullying</i>; haver campanhas de sensibilização sobre o <i>bullying</i> e a desigualdade entre as pessoas - Os funcionários deveriam estar mais atentos e interessados em a ajudar os alunos; existir mais auxiliares presentes; haver mais funcionários no recreio olhar para as crianças - Castigar os agressores, para que não repetissem; expulsar o agressor da escola; expulsaria os que fazem <i>bullying</i> da escola; os agressores levarem falta disciplinar; dava suspensão e se continuasse daria expulsão - Haver apoio psicológico às vítimas e aos agressores - Chamar a polícia - <i>bullying</i> é para fracos - Cada um cuida de si - Eu tentava explicar como as pessoas se sentem quando fazem <i>bullying</i>; eu diria as pessoas que o <i>bullying</i> não resolve tudo; ensinar que não se faz; conversava com eles; todos nos unirmos e lutamos contra o <i>bullying</i> - Não sei; nada; não acreditavam em mim por isso... 	<ul style="list-style-type: none"> Ajudar Denunciar Dizer Contar Atividade Campanhas Protegia Auxiliares Funcionários Castigar Expulsar Apoio Psicológico Polícia Fracos Explicar Dizer 	<ul style="list-style-type: none"> Denunciar Ajudar Contar Apoio psicológico

Análise de resultados

De acordo com os resultados obtidos, durante a pandemia do Covid19, tanto em Portugal como em Espanha os inquiridos referem ter vivido, direta ou indiretamente alguma situação de bullying escolar (Portugal: 15%; Espanha: 16%), comparado com estudos anteriores estes valores demonstram uma acentuada descida devido ao tempo de confinamento a que ambos os países estiveram sujeitos.

Embora se tenha verificado que a maioria dos inquiridos, de ambos os países, não vivenciou, nem como vítima, nem como agressor, nem como testemunha situações de bullying durante a pandemia (Portugal: 81,8%, Espanha: 73,3%), os dados mostram que em Portugal as testemunhas (13,4%) foram mais significativas que as vítimas (9,1%) e os agressores (1,6%) o mesmo aconteceu em Espanha onde os dados não variam muito (15,5% testemunhas, 12,1% vítimas e 0,9% agressores).

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

Apesar dos longos períodos de confinamento, em ambos os países durante a pandemia, foi evidente, através das respostas obtidas, a ocorrência de diversos tipos de bullying (físico, psicológico, verbal, sexual e cyberbullying).

Ao testemunharem algum tipo de bullying durante este período, a percentagem de inquiridos que referenciam ter ignorado foi idêntica em Portugal e Espanha (21% e 22,5%, respetivamente), pelo contrário, aqueles que tentaram ajudar a vítima foram em percentagens muito mais elevadas (Portugal: 77,1%, Espanha: 79,6%). Verificou-se, no entanto, que alguns ainda reforçaram os atos dos agressores (10,1% em Portugal e 4,8% em Espanha); 7,7% em Portugal e 33,3% em Espanha fugiu e outros enfrentaram os agressores (6,3% em Portugal e 41,3% em Espanha).

Destaca-se ainda a diferença muito significativa que se verificou relativamente à posição dos inquiridos de cada um dos países em relação à denuncia de atos de bullying, enquanto em Portugal 51% afirma que denunciaria em Espanha apenas 7,7% dos inquiridos é que o fariam.

Segundo os dados apresentados, os inquiridos acreditam que durante a pandemia em Portugal houve mais casos de cyberbullying do que de bullying e o mesmo se verificou em Espanha. Não são de estranhar estas posições uma vez que, durante a pandemia Covid19, devido à obrigatoriedade de permanecer em casa, do teletrabalho e das aulas online as tecnologias invadiram ainda com mais força os lares em ambos os países, sendo o espaço virtual o único meio para manter o contacto social e relacional entre iguais (Mkhize e Gopal, 2021). Estudos revelaram que a utilização de Smartphones aumentou cerca de 38,3%, assim como o tempo de ligação à internet e as tarefas online (Smartme Analytcs, 2020) situações que facilitavam o cyberbullying e desfavoreciam situações de bullying.

Tanto em Portugal como em Espanha, segundo a opinião dos inquiridos, existe mais bullying escolar do que parece.

Através dos resultados obtidos foi possível perceber que a maioria dos inquiridos, tanto em Portugal como em Espanha, ocuparam duas posições de destaque em relação ao bullying durante a pandemia do Covid19, foram elas: as

testemunhas e as vítimas o que foi possível enxergar essencialmente através das respostas dadas à pergunta aberta deste estudo onde se realça o apoio às vítimas, as denúncias, as estratégias de combate ao bullying, entre outras. Neste sentido, e sendo objetivo deste trabalho saber da percepção das testemunhas de bullying acerca deste fenómeno durante a pandemia Covid19 depois de se proceder à reunião das categorias emergentes das respostas dadas pelos inquiridos, as que surgiram foram: denunciar, ajudar, contar, apoio psicológico.

De acordo com os dados recolhidos a denuncia de casos de bullying ou de agressores seria a atitude que muitos dos inquiridos em Portugal tomariam para solucionar o bullying “denunciar logo as situações...”; “denunciar o agressor”; “denunciaria ou tentaria ajudar a vítima” “denunciava aos seus pais...”; “dizer aos professores, diretores, auxiliares, encarregados de educação”; “eu iria contar a alguém que pudesse ajudar”, enquanto em Espanha e por alguma razão que não foi possível apurar, se tenha verificado que esta não foi a solução mais apontada.

Da análise realizada verifica-se também que um participante refere “que cada um cuida de si” o que mostra a sua indiferença perante uma problemática tão importante e que não deve ser ignorada e outro “não acreditavam em mim por isso...”, em relação a esta última posição existem estudos que mostram que os alunos justificam o silêncio perante o bullying na frente dos pais e dos professores porque não vão acreditar neles. Na sua opinião preferem negar o problema a enfrentá-lo (Shaath et al., 2021). A isto acontecer, crê-se que existem dificuldades por parte destes dois estudantes em lidar com situações de bullying quando alguma vez deparados como testemunhas do mesmo. No entanto, a percepção global dos participantes é contrária a estas posições pois consideram “ajudar as pessoas que estão a sofrer bullying” especialmente as vítimas “ajudaria todas as vítimas contactando os pais” ou “protegia a vítima”.

Se uma maioria aponta como solução para o bullying a denúncia e a ajuda às vítimas, verifica-se também, a nível dos dois países, a aposta em mais informação sobre a problemática, “realizaria uma atividade sobre o bullying” ou “haver mais campanhas contra/sobre o bullying...”. As respostas dadas demonstram

ainda a preocupação que os inquiridos sentem em relação à prevenção e soluções para este fenómeno nas escolas, tanto de Portugal como de Espanha, apontando para tal a necessidade de “existir mais auxiliares presentes”, “mais funcionários no recreio a olhar para as crianças” e “mais atentos e interessados em ajudar os alunos”, mas também defendem “haver apoio psicológico às vítimas e aos agressores”. A preocupação por parte dos participantes em “explicar como as pessoas se sentem quando fazem bullying”, dizer “às pessoas que o bullying não resolve tudo”, “ensinar que não se faz” levam a inferir também a sua necessidade em combater este flagelo “todos nos unirmos e lutarmos contra o bullying”. Os castigos infligidos aos agressores são também soluções apontadas por alguns dos participantes dos dois países apontando a expulsão da escola como principal: “expulsaria os que fazem bullying da escola” havendo até quem considere como solução “chamar a polícia”.

Se existem muitos que não sabem apontar soluções ou até mesmo quem afirme que não faria nada, um dos participantes portugueses considera que “bullying é para fracos” e um demonstra algum receio ou medo em lidar com esta problemática, mesmo com vontade de ajudar ou não ficar indiferente só “ajudaria, mas não me metia em problemas”.

Conclusão (ou Considerações Finais)

Clarificar e estudar o bullying e cyberbullying numa fase problemática como a vivenciada nos últimos anos, onde os cenários online ganharam expressão foi um dos objetivos primeiros desta investigação. O estudo por questionário apresentado mostrou que durante a pandemia do Covid19, tanto em Portugal como em Espanha, alguns dos inquiridos viveram, direta ou indiretamente, situações de bullying escolar. Embora a maioria, vítimas, agressores e testemunhas não tenha vivenciado muitas situações de bullying, verificou-se, no entanto, que aqueles que as vivenciaram

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

como testemunhas foram em maior número do que como vítimas ou agressores. Como trabalho futuro, tentou apurar-se através de entrevistas se as questões de pesquisa poderiam ser respondidas mais cabalmente. Os resultados deste estudo serão publicados logo que possível de modo a corroborar ainda melhor os resultados deste estudo.

Agradecimentos

Agradecemos à Cidália Augusto pela colaboração.

Este trabalho foi apoiado pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto Scope: UIDB/05777/2020.

Referências Bibliográficas

AMADO, J. & FREIRE, I.. Indisciplina e violência nas escolas. Compreender para prevenir. Porto: Edições ASA, 2002.

BALLESTEROS, BENJAMÍN et al.. III estudios sobre acoso escolar y ciberbullying según los afectados. informe del teléfono anar. madrid-españa: [s.n.], 2016. www.fundacionmutua.es

CAMARGO, C. G.. “Brincadeiras” que fazem Chorar: Introdução ao Fenómeno Bullying. São Paulo: All Print, 2009.

CANTERA-ESPINOSA, L. M., VÁZQUEZ-MARTÍNEZ, M., & PÉREZ-TARRÉS, A.. A situação do bullying em Espanha: leis, prevenção e atenção. olhares: revista do departamento de educação da unifesp, 2021, 9(1), 05-20. <https://doi.org/10.34024/olhares.2021.v9.10622>

DÍAZ-AGUADO, M. J., MARTÍNEZ-ARIAS, R. & MARTÍN-BABARRO, J.. El acoso entre adolescentes en España. prevalencia, papeles adoptados por todo el grupo y características a las que atribuyen la victimización. [s.l.]: ministerio de educación, cultura y deporte. ministerio de españa, 2013, v. 362. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/citart?info=link&codigo=1456448&orden=63129>

ESCURY, A. & DUDINK, A.. Bullying beyond school: examining the role of sports (P.235-248). In. S. Jimerson; S. Swearer & D. Espelage (Eds.). Hanbook of bullying in school: an international perspective. New York: Routledge, 2010.

Volume 17 – Nº 3 – Setembro / Dezembro de 2023

FERNANDES, L. & SEIXAS, S.. Plano Bullying: Como Apagar o Bullying da Escola. Lisboa: Plátano Editora, S.A., 2012.

FEKKLES, M., PIJPERS, F. & VERLOOVE-VANHORICK, S.. Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behaviour. *Health Education Research*, 2005, 20 (1). 81-91.

GÓMEZ, M. T. & NAVARRO, D.. Revisión teórica sobre bullying en alumnos con necesidades específicas de apoyo educativo. *Psiquemag*, 2017, v. 6, n. 1, p. 5–18. <http://ojs.ucvlima.edu.pe/index.php/psiquemag/article/view/169/88>.

GIL-VILLA, F.. Bullying: ¿Una profecía autocumplida?. *Revista Brasileira Estudos Pedagogicos*, Brasília, 2018, 99 (253). 520-536.

GIL-VILLA, F.. Mitologías del bullying: Falsos perfiles de víctimas y agresores. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, 2020, 35, 19-30,. DOI: 10.7179/PSRI_2019.35.02

LAGO, A., MASSA, P. & PIEDRA, R.. Crianças contra crianças: o bullying, uma perturbação emergente. *Revista Anales de Pediatría: artigo especial*, 2006, 64 (2). 162-166.

MARTÍNEZ, J.. Bullying: el maltrato entre iguales. Agresores, víctimas y testigos en la escuela. Salamanca: Amarú Ediciones, 2006.

MKHIZE, S. y GOPAL, N.. Cyberbullying Perpetration: Children and Youth at Risk of Victimization during Covid-19 Lockdown. *International Journal of Criminology and Sociology*, 2021, 10, 525-537.

OLWEUS, D.. Bullying at school. Oxford e Cambridge: Blackwell, 1993.

OXFORD Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press, 2000.

RIVERS, I. & NORET, N.. Potential suicide ideation and it's association with observing bullying at school. *Journal of Adolescent Health*, 2013, 53, 32-36.

SEIXAS, S.. Bullying: Incidência do fenómeno em alunos do 3º ciclo da Zona da Grande Lisboa. *Revista ESES*, 2005, 12, 69-80.

SHAATH, M., SLEEM, H., SULAYEH, Y., SAIFI, A.-G., ISHTAYAH, H., & HAMAYEL, O.. School Bullying from Multiple Perspectives: A Qualitative Study. *Education in the Knowledge Society (EKS)*, 2021, 22, e23953. <https://doi.org/10.14201/eks.23953>

SMARTME ANALYTICS. Estudio del impacto del coronavirus en el uso del móvil. Madrid: Smartme Analytics, 2020. ISBN: n/c. https://www.smartmeanalytics.com/product_detail.php?id_prod=2&id_report=8

STRAUSS, A.; CORBIN, J.. Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2015.

VANDEBOS, G. R. (Ed.). APA Dictionary of psychology. Washington DC: American Psychological Association, 2007.

Sobre os Autores

	<p>Cátia Vaz</p> <p>Doutorada em Ciências Sociais pela Universidade de Salamanca, Mestre em Educação Social e Licenciada em Educação Social pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB). Membro do Centro de Investigação CI-ISCE e colaboradora do Centro de Investigação SEVIN (SOCIEDAD, EDUCACION, VIOLENCIA E INFÂNCIA). Autora do Jogo Didático direcionado para a Prevenção Primária do Bullying Escolar: “A Brincar e a Rir o Bullying Vamos Prevenir” e do “Playing and Smiling the Bullying Let’s Prevent”.</p>
	<p>Fernando Gil Villa</p> <p>Professor Catedrático de Sociología. Escritor y poeta. Universidad de Salamanca. Obteve o Prêmio María de Maetzu a la excelencia científica. É coordenador do Plan Estratégico de la Universidad de Salamanca (2018-23). Membro do Grupo de Investigación SEVIN (SOCIEDAD, EDUCACION, VIOLENCIA E INFÂNCIA).</p>
	<p>José David Urchaga Litago</p> <p>Doutor em Psicologia (UPSA, 2005). Mestrado em Estatística Multivariada (USAL, 2015). Professor em várias universidades (Universidad Pontificia de Salamanca; Instituto Superior de Ciências Religiosas "San Francisco Javier" de Navarra). Foi professor convidado na Universidade de León, Universidade de Vigo, C.U. Villanueva (Madrid) e Universidade Católica de Ávila.</p>



Vitor Gonçalves

Professor na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Doutor em Engenharia Electrotécnica e de Computadores pela FEUP. Investigador do Centro de Investigação em Educação Básica, membro colaborador do Grupo de Investigación en Innovación y Educación Digital, membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Tecnologia da Informação e Comunicação e membro do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Secretariado. Mais informação: <https://www.cienciavitae.pt/A310-FFD6-55A1>

Revista EducaOnline. Volume 17, Nº 3, Setembro/Dezembro de 2023. ISSN: 1983-2664. Este artigo foi submetido para avaliação em 22/08/2023. Aprovado para publicação em 27/08/2023.